

## Transformações na Cultura Urbana das grande metrópoles<sup>1</sup>

José Guilherme Cantor Magnani

### **As cadeiras na calçada.**

É bastante comum, em depoimentos de moradores de bairros que passaram por processos de rápida transformação, principalmente nas grandes cidades, a evocação nostálgica de um tempo em que era costume colocar cadeiras na calçada em frente da casa, para apreciar o movimento da rua do fim de tarde. Não se trata apenas de recordação; em certos casos, a volta desse hábito é celebrada como uma conquista, segundo se depreende da entrevista concedida por um diretor de teatro com projeto experimental no Largo da Lapa, em plena área do centro do Rio de Janeiro. Explicando os efeitos induzidos por sua proposta no entorno, constata que

- "(...) as famílias que moram na redondeza da Lapa saem e vão sentar ali; ficam sossegados, namoram...".

- Como se fosse numa cidade do interior, apesar do paradoxo?

- Aqui, nesse coração deteriorado do Rio de Janeiro, o Largo recuperou um ar provinciano, saudável, cotidiano. Quando tudo estiver funcionando, e a gente estiver com as casas abertas e em atividade, tudo iluminado - bares e cadeiras na calçada - isso aqui vai ser um lugar lindo (...)<sup>2</sup>"

Como tendência geral, contudo, há muito as cadeiras foram recolhidas porque - justifica-se - a rua tornou-se inóspita ou porque, àquela hora, o apelo da televisão mantém os moradores no espaço privado da casa.

Associado com o modo de vida de cidade do interior, tal comportamento parece cada vez mais incompatível com as atuais condições de existência nas metrópoles contemporâneas: as dimensões e complexidade inerentes à estrutura, funções e modos de vida dos grandes centros urbanos, com efeito, são de tal ordem que é até de se perguntar "se o próprio conceito de cidade não está ultrapassado". (HABERMAS, 1987:123).

Dentre os inúmeros diagnósticos sobre as transformações em curso nas atuais metrópoles, podem-se distinguir duas visões principais. Uma enfatiza os aspectos desagregadores do processo, como o colapso do sistema de transporte, as deficiências do saneamento básico, a falta de moradia, a concentração e má distribuição dos equipamentos, poluição, violência, sub-emprego: com base em variáveis e indicadores de ordem macro (sociológicos, econômicos, demográficos), este é o quadro geralmente

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado como capítulo da coletânea *Sociedade Global: Cultura e Religião*, Petrópolis, Editora Vozes, 1998

<sup>2</sup> Entrevista concedida pelo teatrólogo Amir Haddad para o número 23 da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional dedicado ao tema "Cidade" (1994).

aplicado às grandes cidades do Terceiro Mundo. Nesta linha, em recente reunião da Conferência das Nações Unidas sobre os Assentamentos Humanos - Habitat 2<sup>3</sup>, São Paulo foi apontada em alguns relatórios como exemplo de anti-cidade.

Uma outra visão, geralmente referida às grandes cidades do Primeiro Mundo, projeta uma feérica sucessão de imagens montada a partir da justaposição de signos, simulacros, apelos publicitários, redes e pontos de encontro virtuais. Esta é a cidade que se delinea a partir da análise dos semiólogos, arquitetos, críticos pós-modernos, identificada com a sociedade pós-industrial.

Na primeira visão, mostra-se uma continuidade evolutiva, onde os fatores de crescimento, desordenados, terminam por produzir inevitavelmente o caos urbano; na segunda, enfatiza-se a ruptura, resultado de um salto tecnológico que torna obsoletas não só as estruturas urbanas anteriores como as formas de comunicação e sociabilidade a elas correspondentes. Uma, fruto do capitalismo selvagem; a outra, identificada com o capitalismo tardio.

Ainda que por motivos diferentes, essas duas perspectivas - aqui polarizadas para efeito comparativo e de contraste - levam a conclusões semelhantes no plano da *cultura urbana*<sup>4</sup>: deterioração dos espaços e equipamentos públicos, com a conseqüente privatização da vida coletiva, segregação, evitação de contatos face-a-face, confinamento em ambientes e redes sociais restritos.

Não há como negar a existência de tais características e seus fatores determinantes, comprovados não só por índices, tabelas e projeções, como também pela própria experiência do dia-a-dia. No entanto, é possível também multiplicar exemplos de "boas práticas urbanas", muitas delas premiadas no mesmo encontro da Habitat 2, que atestam um movimento ou ao menos focos de resistência no sentido contrário à tendência da desordem urbana<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Realizada em Istambul, Turquia, de 4 a 14 de junho de 1996.

<sup>4</sup> O conceito de cultura urbana é bastante controverso; vide, por exemplo, a posição de Castells (1983) para quem o termo não é mais que uma construção ideológica da Escola de Chicago. Aqui, a expressão está tomada num sentido restrito, descritivo, como conjunto de códigos induzidos por e exigidos para o uso de equipamentos, espaços e instituições urbanas e desempenho das formas de sociabilidade adequadas. Abrange, por exemplo, o conjunto de conhecimentos necessários para usar determinados recursos oferecidos pela cidade e que vão desde o reconhecimento dos sinais e placas referentes ao trânsito e transporte coletivo passando pela habilidade no manejo de aparelhos eletrônicos que permitem a manipulação de caixas eletrônicas, locomoção no metrô, terminais informatizados de localização em shopping-centers, até o conhecimento mais especializado da oferta e formas de acesso a bens e serviços específicos, públicos e privados, espalhados pelas diferentes regiões do espaço urbano

<sup>5</sup> Durante a já citada reunião do Habitat 2 foram selecionados pela ONU 400 projetos bem sucedidos: o Brasil aparece em primeiro lugar, contribuindo com 10% desse total. (Folha de São Paulo, 16/06/96). A revista NEWSWEEK de 10 de junho de 1996, cujo título e chamada de capa eram, sugestivamente, URBAN BLISS - Why Megacities Like São Paulo Arent't So Bad, com base em depoimento de especialistas, entre os quais Janice Perlman, conhecida autora de estudo sobre favelas brasileiras, traz uma matéria sobre a mudança de enfoque a respeito das megacidades (aquelas com mais de dez milhões

Como, então, encarar adequadamente o fato da complexidade, sem cair na descrição sem fim de particularismos e casos isolados, ou na generalidade de enfoques redutores? O problema é que, nas visões correntes, que tomam a cidade como unidade de análise, tende-se a generalizar os efeitos de suas distorções estruturais e a reduzir seus moradores a um tipo médio e abstrato: o déficit habitacional é de tal magnitude; a taxa de área verde por habitante está tantos por cento abaixo do padrão aceitável, e assim por diante.

Esses enfoques, até por uma questão de escala, não conseguem captar o nível em que se dão os inúmeros exemplos da diversidade de estratégias locais de vida e sobrevivência em assentamentos urbanos, principalmente quando constituem o centro de uma área de oito mil quilômetros quadrados, habitada por mais de quinze milhões de pessoas, como é o caso de São Paulo e sua região metropolitana.

Portanto, em vez da habitual perspectiva *de longe*, ou de *passagem*<sup>6</sup> - a primeira, característica da visão que privilegia o nível das macro variáveis e a segunda, cujo paradigma é o simulacro sem referente na "hiperrealidade" - o que se propõe é um enfoque de perto e de dentro, capaz de permitir traçar, se não um diagnóstico exaustivo dos problemas da cidade, ao menos o movimento de alguns processos urbanos e reconhecer as articulações entre suas dinâmicas.

### **O olhar antropológico.**

O enfoque que se propõe - de perto e de dentro - é o da Antropologia. Como se sabe, esta disciplina forjou seus conceitos e metodologia de pesquisa inicialmente no estudo de sociedades de pequena escala dedicadas à caça, coleta, agricultura de subsistência e cujo modo de vida tinha como base o acampamento e a aldeia, mas não a cidade.

À primeira vista, esta experiência evidentemente não a credenciaria para deslindar as complexidades da sociedade urbano-industrial (e pós-industrial) contemporânea. No entanto, seu modo de operar apresenta algumas características que talvez permitam captar processos cuja dinâmica passaria despercebida, se enquadrados exclusivamente por uma grande angular.

Numa linha interpretativa, com efeito, cujo enfoque é microscópico, a etnografia tem como objetivo a busca do significado da ação social. É a partir de "material produzido

---

de habitantes). Segundo a reportagem, ainda que as previsões mostrem que dobrarão de número nos próximos anos, de 12 para 25, a qualidade de vida nessas megalópoles, ao contrário do que se previa, estará melhorando. A esperança de vida nas grandes cidades é mais alta do que nas pequenas e na zona rural e, ao contrário dos habitantes desta última, os moradores das grandes cidades estariam mais bem servidos por sistemas de água e esgoto, teriam à sua disposição atendimento médico de melhor qualidade, melhores oportunidades de educação e mais empregos.

<sup>6</sup>Referência às idéias de R. Venturi sobre uma arquitetura em chave publicitária, (ou "ecletismo de beira de estrada") a partir do efeito visual produzido pelas imagens dos painéis, outdoors e anúncios das ruas de comércio de Las Vegas. (ARANTES, 1995: 20, 40; FEATHERSTONE, 1995:141)

por um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados, que os megaconceitos com os quais se aflige legitimamente a ciência social contemporânea - modernização, integração, conflito, carisma, estrutura, significado - podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente, com eles". (GEERTZ, 1978: 33-34).

É esse particular tipo de contato, confronto, diálogo com o "outro" que constitui o fundamento da verdadeira etnografia (PEIRANO, 1995). Eles - que nos estudos antropológicos clássicos são os nativos de alguma distante aldeia -, no contexto das grandes cidades são os múltiplos, variados e heterogêneos grupos de atores sociais que nelas vivem, sobrevivem, trabalham, se viram, circulam, usufruem de seus equipamentos ou deles são excluídos.

Para descrever a multiplicidade dos arranjos através dos quais esses atores organizam sua vida cotidiana - o trabalho, a vida familiar, a devoção, o lazer - é preciso observá-los no contexto em que são realizados; não há outra forma de avaliar se ainda é possível ver neles, apesar das profundas transformações por que vêm passando, uma genuína experiência urbana.

### **A natureza da experiência urbana.**

Antes, porém, de enfrentar a questão de se e onde subsiste, em meio ao ritmo e condições de vida característicos das grandes metrópoles, uma "genuína experiência urbana", é preciso perguntar qual a natureza dessa experiência e em que situações ela pode ser identificada.

Em vez de proceder a uma reconstituição histórica, remontando até às primeiras formas de assentamento que sucederam às aldeias neolíticas, para determinar os tipos de práticas associadas com o pretendido modo de vida citadino, optou-se por partir de um elemento recorrente da paisagem urbana que terminou se tornando símbolo de sua experiência: a rua<sup>7</sup>. . .

Utilizada como "categoria sociológica" (DA MATTA, 1979;1991), rua permite identificar e classificar experiências que se tornam plenamente significativas quando postas em relação ao outro termo, a casa, com o qual constitui um sistema de oposições. Seu poder evocativo para pensar as práticas urbanas provém, de um lado, da relação metonímica que mantém com a própria cidade, e de outro, da referência a conceitos já clássicos no estudo da sociedade e relações sociais em geral, e do fenômeno urbano em particular.

---

<sup>7</sup> "Ruas e suas calçadas - os principais espaços públicos de uma cidade - são seus órgãos vitais mais importantes. Pense-se em uma cidade, e o que vem à mente? Suas ruas" (JACOBS, [1961]1992: 29).

Trata-se do conhecido modelo comunidade versus sociedade formulado por Tönnies ([1935]1963), utilizado para tipificar dois conjuntos paradigmáticos de relações sociais. Como se sabe, o primeiro designa laços de sangue, relações primárias, consenso, rígido controle social; sociedade, ao contrário, caracteriza-se pela presença de relações secundárias, pela convenção, anonimato, troca de equivalentes.

Aplicado a diferentes contextos - campo (ou aldeia)/ cidade; cidade pequena/ metrópole; bairro/ centro; casa/ rua, etc. - e mantendo a mesma distância, permite separar e distinguir aqueles traços que remetem, em cada novo contexto, a cada um dos pólos que atualizam a relação de oposição. Cada termo evoca, pois, à sua maneira, os mesmos significados sugeridos por comunidade e sociedade<sup>8</sup>.

Portanto, quando se está referindo à rua, obviamente não é por sua materialidade enquanto elemento físico constante da paisagem urbana, mas pelo lugar que ocupa, como categoria, no interior do sistema e na distância que mantém com relação ao outro termo da oposição. Nesse sentido, remete a um conjunto definido de normas, direitos, deveres, costumes, comportamentos e expectativas que, inicialmente, podem ser caracterizados como pertencentes ao domínio do *público*, por oposição ao *privado*<sup>9</sup>.

Esta é, na verdade, uma das mais recorrentes associações que rua evoca. Seus correlatos são o ágora, o fórum, o mercado; as atividades que nelas se desenrolam vão desde práticas políticas (assembléias, manifestações, protestos, panfletagens, barricadas); de poder (o desfile, o castigo, a execução), passando pelas religiosas (a procissão, a promessa, o testemunho, a pregação, o despacho), de lazer (o passeio, a festa, o espetáculo, a brincadeira, o jogo, a banda), de encontro/ confronto (a troca, a conversa, a paquera, a discussão, a baixaria, a briga), informação (o arauto, a fofoca, o boato), de trabalho, de aventura...

---

<sup>8</sup> Mesmo num contexto tradicionalmente associado com a vida comunitária, uma aldeia indígena - no caso, bororo - onde obviamente, não há ruas, observa-se o mesmo tipo de oposição entre o centro da aldeia e o círculo das casas; um, espaço tipicamente masculino (onde fica a casa dos homens) e o outro, feminino. Centro e periferia, por sua vez, formam um só termo (aldeia), que se opõe a roça: centro, casa, roças, finalmente, opõem-se a floresta. As categorias mais englobantes, aqui, formam a oposição Natureza versus Cultura: "Se pensarmos na oposição Natureza/Cultura, extensamente desenvolvida por Lévi-Strauss e outros autores estruturalistas, poderemos caracterizar o centro da aldeia como sendo o domínio da cultura por excelência, onde têm lugar as representações dos aroeiros heróis míticos que deram origem à sociedade bororo. Em contrapartida, as casas se constituem no espaço onde se dão as grandes transformações naturais: a procriação e o envelhecimento, a transformação dos alimentos crus em cozidos. Além disso, é no espaço da casa que são criados os laços de substância (Da Matta, 1976) que unem os indivíduos co-residentes. Esses laços de substância comum advêm do fato de que essas pessoas compartilham do mesmo alimento, moram sob o mesmo teto, participam da mesma substância vital - rakare - contida nos fluidos trocados: sangue, sêmen, sangue menstrual e leite materno". (CAIUBY, 1983:69). Como se vê, trata-se de um conjunto de relações que podem ser assimiladas às descritas por Tönnies para caracterizar comunidade.

<sup>9</sup> "Ao lado luminoso da vida pública em comum [Hannah Arendt] atribuiu a liberdade e a individuação, ao passo que no âmbito privado viu o seu contrário, a estreiteza da família, hierarquizada, dominada pela autoridade incontestável do patriarca, confinada às dimensões estreitas de uma casa, também lugar etimológico (oikós) da reprodução econômica da vida, reino do "labor" e da necessidade - aqui privado era sinônimo de privação" (ARANTES, 1995:114-115)

Ainda que esses (e outros) aspectos possam ser encontrados, em maior ou menor medida, em todas as modalidades históricas da cidade, uma delas celebrizou, para alguns talvez como o canto do cisne, a experiência por antonomásia proporcionada pela rua: Paris de meados do século XIX.

São bem conhecidas as propostas e as consequências da ampla reforma conduzida pelo barão Haussmann, sob o imperativo de adequar a cidade às profundas transformações induzidas pela nova etapa do crescimento capitalista, cujas necessidades já não eram compatíveis com o acanhado desenho e dimensões da cidade pré-industrial.

Para atender às exigências de circulação (de pessoas e mercadorias), fora preciso abrir amplas vias de circulação no tecido da velha cidade, o que possibilitou uma nova gama de contatos, encontros, sensações, protagonizados por personagens (o flâneur, o dândi, o anônimo na multidão) celebrizados por Baudelaire, analisados por Benjamin. Multiplicadas e reverberadas em outros espaços - nas passagens cobertas, nos pavilhões das exposições universais, nas estações ferroviárias - as novas experiências foram consideradas como resultado de "novas esferas de vida"<sup>10</sup>.

Para Berman, essa "velha rua moderna, com sua volátil mistura de pessoas e tráfego, negócios e residências, ricos e pobres" (1989:162), é o próprio símbolo da experiência da modernidade, "meio no qual a totalidade das forças materiais e espirituais modernas podia se encontrar, chocar-se e se misturar para produzir seus destinos e significados últimos." (1989: 300). Em *The Death and Life of Great American Cities* (1992), Jane Jacobs compara o complexo movimento da rua com a dança, não na forma de um balé em que os dançarinos fazem os mesmos gestos, mas onde as participações de cada um reforçam as dos demais e terminam produzindo um conjunto ordenado. "O balé das calçadas nunca se repete: em cada lugar está sempre repleto de novas improvisações" (1992:50).

O problema que se coloca é se existe, ainda, uma tal experiência, no contexto das atuais metrópoles. Quando Habermas se pergunta se o conceito de cidade já não estaria ultrapassado, a questão que tem em mente é o descompasso entre as funções urbanas habituais e os novos padrões de temporalidade e espacialidade: enquanto era um mundo abarcável, a cidade podia ser arquitetonicamente formada e representada para os sentidos. As funções sociais da vida urbana - trabalho, moradia, atividades religiosas, políticas, econômicas, de recreação - "podiam ser traduzidas em fins, em funções de utilização temporalmente regulada dos espaços configurados. Contudo, no século XIX ao mais tardar, a cidade torna-se ponto de intersecção de relações funcionais de outra espécie (...) e o mundo urbano se encontra cada vez mais mediatizado por *conexões sistêmicas não configuráveis*." (1987: 123)<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> "As estações obrigam ao contato próximo e variado, mas também anônimo e fugidio, e são o lugar característico do tipo de interação - carregado de estímulos sensíveis e sala de encontros - que iria conformar o sentimento da vida nas grandes cidades". (HABERMAS, 1987:118).

<sup>11</sup> Ver a noção de "desencaixe", de Anthony Giddens (1991).

Seguindo essa linha de análise e a de outros autores atuais sobre a cultura urbana, a conclusão seria de que a experiência da rua desapareceu ou tornou-se prisioneira da intimidade, como aponta Sennett (1988), e que o espaço emblemático da vida nos grandes centros urbanos já não é a rua, mas o "não lugar"<sup>12</sup>.

É aqui onde entra a Antropologia, ou melhor, o resultado de algumas etnografias que permitem pensar, em outros termos, as transformações recentes na cultura urbana das grandes metrópoles.

### **A dinâmica cultural urbana.**

Estudos recentes sobre formas de sociabilidade e cultura de grupos - desde juvenis, até da terceira idade - nas grandes cidades contemporâneas mostram que, mesmo no interior de espaços considerados "não lugares", existem formas de apropriação que dão suporte a comportamentos não convencionais.

Os shopping-centers, por exemplo, "templos" do consumo e um dos ícones do estilo fashion de vida, planejados e sinalizados para fins específicos, terminam sendo apropriados por grupos de jovens que ou subvertem suas regras ou criam usos alternativos próprios, - para encontro, lazer, "zoada" - dando novos significados, através de códigos particulares, àquele espaço. (FRUGOLI, 1990).

Outro exemplo é proporcionado pelos diferentes serviços telefônicos de encontros. Muitas vezes associados à solidão que se supõe caracterizar o modo de vida das grandes cidades, nem sempre se limitam ao anonimato que é seu traço principal, pois acabam propiciando trocas de experiências personalizadas. Os interlocutores, mesmo quando não identificam o próprio bairro, a profissão e o nível de escolaridade, "acabam por falar de seu círculo de lazer, locais de compras, gostos musicais e preferências estéticas, remetendo os interlocutores a um universo sócio-cultural demarcado em termos de um estilo de vida" (TORRES, 1993:74). Não raras vezes, contatos iniciados na linha acabam em encontros reais, em espaços convencionais de lazer.

---

<sup>12</sup> Segundo Marc Augé (1994), três transformações aceleradas do mundo contemporâneo - uma relativa ao tempo, outra à individualidade e a terceira ao espaço - são as responsáveis pela figura do excesso, característica da situação de supermodernidade. No caso da superabundância espacial, esta "se expressa nas mudanças de escala, na multiplicação das referências energéticas e imaginárias, e nas espetaculares acelerações dos meios de transporte. Ela resulta, concretamente, em consideráveis modificações físicas: concentrações urbanas, transferências de população, multiplicação daquilo a que chamaremos 'não-lugares', por oposição à noção sociológica de lugar, associada por Mauss e por toda uma tradição etnológica àquela de cultura localizada no tempo e no espaço. Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta." (1994:36,37). Cfr. também FEATHERSTONE, 1995.

Eventos marcados por altos índices de "supermodernidade", como a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, transformam-se, em alguns momentos - principalmente durante os "rituais" da filas de espera à entrada das salas - em ocasiões de aproximação e contato (ALMEIDA, 1995).

Uma interessante etnografia apresentada como trabalho final para disciplina em curso de graduação mostrou um uso muito particular das dependências bancárias, protagonizado por idosos: a ida ao banco, para muitos senhores e senhoras aposentados, era vista como um programa mais de lazer que de obrigação. O pagamento de carnês e contas diversas, a conferência de saldos e extratos (um favorzinho prestado a vários filhos) significava a possibilidade de encontro com outras pessoas nas mesmas condições, de animadas conversas (para desespero dos demais clientes) com os caixas e, no fim, de usufruir daquele cafezinho que algumas agências deixavam à disposição dos usuários, evidentemente degustado por quem anda meio sem pressa... Até casos de uma boa soneca foram flagrados durante a pesquisa de campo, nas confortáveis poltronas destinadas à espera de atendimento<sup>13</sup>.

Outro trabalho de conclusão de curso estudava a relação entre moradores do entorno de modernas rodovias e a empresa responsável por sua construção e manutenção. Exemplo clássico de "não lugar", planejada para o eficiente e rápido deslocamento de "passageiros" e "viajantes", a rodovia não considera "pedestre" como usuário do "sistema". No entanto, tendo em vista os constantes atropelamentos em determinados pontos, a empresa viu-se obrigada a construir passarelas e entrar em contato com a população "lindeira".

O estudo mostra os conflitos, contatos e negociações entre duas visões, a da rodovia, e a dos moradores. Estes últimos apropriaram-se dela segundo seus próprios padrões, daí resultando desde o uso do canteiro central como campo de futebol, para passeio de bicicleta e banhos de sol, até o aprendizado e utilização dos call-boxes, sistema de telefonia destinado a emergências rodoviárias, mas rapidamente transformado em meio de comunicação com serviços de ambulância, polícia, etc., para atendimento da população do entorno<sup>14</sup>.

Como último exemplo pode ser citado o uso de um equipamento urbano sem dúvida alguma também protótipo de "não-lugar": o elevado Costa e Silva, mais conhecido como "Minhocão", via expressa exclusiva para veículos na direção leste-oeste, na região central da capital paulistana. Objeto de polêmica desde sua construção em 1971 por causa dos efeitos de degradação produzidos nas imediações, a partir de 1989 vem sendo usado pelos moradores dos prédios vizinhos, nos fins de semana - quando fica fechado ao tráfego -, como espaço de lazer para caminhadas, passeios de bicicleta,

---

<sup>13</sup> Etnografia da Agência Rafael de Barros, Banessa, trabalho apresentado por Clarice Nonaka para a disciplina "Seminários de Antropologia I", curso de Ciências Sociais (FFLCH/USP), 1º semestre de 1988.

<sup>14</sup> Morreu na contramão atrapalhando a via - trajetos e descaminhos no conflito rodovia/ comunidades lindeiras, trabalho de aproveitamento de Maria Tereza Araujo Mello para a disciplina "Pesquisa antropológica no contexto urbano", Curso de Ciências Sociais, FFLCH/USP, 2º semestre de 1992.



encontros.

Estes são alguns exemplos apenas, entre muitos outros, de usos e arranjos não previstos pelas regras e destinação do espaço. Tais experiências constituem caso particular de uma questão mais geral - o tempo livre -, cujo significado, alcance, variedade e modalidades de utilização constituem temática privilegiada para pensar a dinâmica cultural das grandes cidades (MAGNANI, 1984; 1992(a); MAGNANI e TORRES, 1996).

Tanto as formas convencionais como aquelas mais inusitadas atestam a vitalidade das práticas urbanas, nesta dimensão particular, a do lazer e sociabilidade. Pode-se concluir que a experiência da rua, não obstante os conhecidos problemas dos grandes centros urbanos, não morreu: diversificou-se, assumiu novas modalidades, adaptou-se a novas circunstâncias, estabeleceu outros diálogos. Para dar conta dessas transformações, talvez seja necessário desdobrar a clássica categoria de rua de forma a poder descrever a gama mais variada de experiências que a escala das grandes cidades contemporâneas propicia.

Em trabalhos anteriores, citados mais acima, desenvolvi as noções de pedaço, trajeto, mancha, circuito, pórtico justamente para pensar alguns processos da atual dinâmica cultural urbana. Não cabe, por certo, repetir aqui o que já foi exposto naqueles textos; interessa apenas mostrar como se articulam.

A noção de "pedaço", elaborada a partir de pesquisas em bairros de periferia, aponta para a existência de um espaço social que se situa entre a esfera da casa e a da rua. Com base em vínculos de vizinhança, coleguismo, procedência, de trabalho, estabelece uma forma de sociabilidade mais aberta que a fundada em laços de família, porém menos formal e mais próxima do cotidiano que a ditada pelas normas abstratas e impessoais da sociedade mais ampla. É no âmbito do pedaço que se vive e compartilha toda sorte de vicissitudes que constituem o dia-a-dia, nos momentos de lazer, devoção, participação em atividades comunitárias e associativas, troca de favores e pequenos serviços; e também dos inevitáveis conflitos, disputas<sup>15</sup>.

A vida na cidade, no entanto, não se restringe às experiências do cotidiano que transcorrem no âmbito do bairro. A circulação em direção a e através de territórios mais amplos dá-se por meio dos trajetos -percursos determinados por regras de compatibilidades - que abrem o particularismo do pedaço a novas experiências, situadas fora das fronteiras daquele espaço, conhecido, onde se está protegido por regras claras de pertencimento.

---

<sup>15</sup> A noção de "pedaço", aplicada em outro contexto - não mais na periferia, mas no centro - mostrou que as regras de sociabilidade que instaura também são encontradas em espaços desvinculados da moradia e vizinhança: "A diferença com a idéia do pedaço tradicional é que aqui os frequentadores não necessariamente se conhecem - ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro - mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes." (MAGNANI, 1992 [a]:195).

A cidade, ademais, não se oferece para uso e desfrute como uma totalidade indiferenciada, ou então repartida em unidades discretas: naqueles territórios mais impessoais das regiões do centro, é possível distinguir a existência de áreas claramente demarcadas pela oferta de determinados bens ou serviços: são as manchas, áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam, competindo ou complementando-se, uma atividade ou prática predominante<sup>16</sup>. O circuito, por seu lado, cumpre as mesmas funções da mancha; a diferença está na forma de inserção, uma vez que não apresenta o caráter de contiguidade espacial. Assim, por exemplo, é possível distinguir os circuitos dos cines de arte, das livrarias, dos brechós, de espaços esotéricos, da cultura black, do agito gay, do movimento rapper e muitos outros, constituídos por pontos espalhados (mas que mantêm algum tipo de relação entre si) pela cidade.

Estas categorias, num certo sentido, recobrem o registro do que Marc Augé (1994) denomina de "lugar antropológico", no contexto de sua discussão sobre o conceito de "não lugar", já mencionado. Para construir este último, o autor coloca em relevo suas diferenças com o conceito de "lugar", tradicionalmente associado, na literatura clássica, a uma cultura localizada no tempo e no espaço. "Lugar antropológico", contudo, é mais específico e apresenta uma conotação suplementar, na medida em que é significativo não só para os que o habitam ou dele usufruem, mas para quem, de fora, procura entendê-lo. É, simultaneamente, princípio de sentido e princípio de inteligibilidade; daí sua importância para a descrição etnográfica na medida em que constitui via de acesso privilegiada para o entendimento do comportamento dos usuários.

Marc Augé faz questão de diferenciar, ainda, o "lugar antropológico" dos "lugares de memória" de Pierre Nora: enquanto através desses últimos apreende-se "a imagem do que não somos mais (...), o habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história" (1994:54)<sup>17</sup>; em outros termos, seu significado está ancorado não na memória do que já foi, mas nas práticas que o mantêm.

Como estou trabalhando com a dimensão do lazer e das práticas de encontro e sociabilidade, não aparece nas categorias que utilizo (com exceção de pedaço, no contexto do bairro), a referência ao habitante, como ocorre na conceituação de Marc Augé. O que aquelas, em suma, permitem é: (a) descrever recortes no espaço, (b) recortes estes que são significativos em virtude de práticas e formas de apropriação por parte dos agentes, (c) e que terminam por determinar padrões coletivos de

---

<sup>16</sup> Numa mancha de lazer, por exemplo, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros - os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito. Uma mancha caracterizada por atividades ligadas à saúde, por exemplo, geralmente se constitui em torno de uma instituição tipo âncora - um hospital - agrupando os mais variados serviços (farmácias, clínicas particulares, serviços radiológicos, etc.). E assim por diante.

<sup>17</sup> Para marcar a diferença, Marc Augé exemplifica com alusão a festas, procissões ou cerimônias que já não mais existem, mas que podem ser celebradas, às vezes até numa antiga capela restaurada, hoje utilizada para um eventual concerto ou espetáculo. "Essa encenação não ocorre sem provocar sorrisos perplexos ou comentários retrospectivos de certos velhos habitantes da região (...). Espectadores de si mesmos, turistas do íntimo, eles não saberiam imputar à nostalgia ou às fantasias da memória as mudanças que atestam objetivamente o espaço no qual eles continuam a viver, e que não é mais o local no qual viviam". (1994:54)

comportamento e regras de sociabilidade.

No caso do pedaço, as marcas no espaço que estabelecem as fronteiras, ainda que visíveis, são reconhecidas e identificadas principalmente por seus membros - os quais, quando mudam de ponto, levam junto consigo o pedaço. A exclusividade que caracteriza esta forma de pertencimento deriva mais do manejo dos códigos que operam o reconhecimento mútuo do que da apropriação de um espaço físico.

Já na mancha, freqüentada por gente de diferentes pedaços, a dinâmica é outra: sua forma de inserção na paisagem urbana é mais clara e estável, pois, demarcada a partir da interrelação entre equipamentos, edificações e vias de acesso, funciona como ponto de referência concreto para um número mais abrangente de usuários. Sabe-se o que se quer buscar, em determinada mancha, mas não necessariamente o quê ou quem vai ser encontrado: esta particularidade é que garante a possibilidade (e o encanto) do imprevisto - dentro de certos padrões, já conhecidos e escolhidos<sup>18</sup>.

A atualidade da discussão sobre a questão do "lugar" no cenário metropolitano pode ser comprovada, ainda, em outro campo, intimamente relacionado com a cidade: a arquitetura. Numa série de ensaios reunidos em recente volume, Otilia Arantes (1995) analisa algumas obras, tendências e teorias que compõem o atual estado do debate nessa área. Situando a discussão no âmbito da cultura contemporânea, cujo traço mais saliente é a presença avassaladora da mídia, a autora vai explorar a interrelação entre essa "nova civilização midiática" e a arquitetura contemporânea, mostrando que, se vivemos sob o signo do olhar, sob o império da imagem e no âmago de uma civilização do simulacro, o palco dessa irrealidade é a metrópole moderna. (1995:19/20)<sup>19</sup>.

No entanto, contrapondo-se ao formalismo extremado da arquitetura pós-moderna - revivalismos, high tech, "frívola", new modern, etc. - registra-se uma alternativa, até mesmo uma resistência: a arquitetura do lugar, tentativa de ressemantizar a cidade através da produção de espaços carregados de sentido, em busca da reanimação do *genius loci*, o espírito do lugar<sup>20</sup>.

Ainda neste registro - não, porém, como resultado de um projeto arquitetônico e sim de intervenções no tecido urbano - cabe mencionar o texto de Glauco Campello, sobre a necessidade de se preservar, na metrópole, a existência de núcleos de espaços próximos que abrigam o convívio, conciliando-os com as amplas estruturas urbanas impostas pelo

---

<sup>18</sup> O habitué da mancha de lazer do Bixiga, por exemplo, sabe perfeitamente o tipo ou estilo de música, de espetáculo e até de pessoas que lá poderá encontrar e que diferem dos de outras manchas como a de Moema (zona sul), a da rua Franz Schubert (Jardins) ou da rua Bento Freitas (centro), para citar algumas bem marcadas por seus traços característicos.

<sup>19</sup> Não deixa de ser significativa a forma assumida pela exposição que constitui o tema do primeiro ensaio, "Arquitetura Simulada": fachadas, de autoria de vinte arquitetos, dispostas numa rua artificial - Strada Novissima - na Bienal de Veneza de 1980. Boutade, provocação, brincadeira, não importa: o apelo da rua continua.

<sup>20</sup> A autora aponta, no entanto, para o enfraquecimento dessa tendência quando encampada pelo oficialismo, ou delegada ao "capital em pessoa".

desenvolvimento da sociedade (1994).

Ilhas de convívio, lugar, pedaço - estas e outras noções correlatas apontam todas para a particular realidade da dinâmica urbana contemporânea, principalmente nos grandes centros: o gigantismo de suas instalações e estruturas não significa, necessariamente, a destruição de formas de sociabilidade que supõem outro tipo de arranjo espacial. Ao invés de se prognosticar a progressiva destruição de formas tradicionais de vida e convívio, em razão da escala das megacidades, é preciso ver nessa mesma escala o fator que amplia e multiplica as possibilidades de uso e desfrute das instituições e equipamentos - de lazer, saúde, trabalho, cultura - inviáveis em escalas menores.

As práticas urbanas de sociabilidade que a metrópole enseja talvez não se enquadrem mais na clássica imagem do *footing* em volta do coreto, na praça central da cidade interiorana: costume sem dúvida de nostálgicas ressonâncias, mas limitado diante da abertura e das possibilidades que oferece a grande cidade - e que constituem seu apelo.

A experiência paradigmática da rua, por conseguinte, não desaparece, mas multiplica-se em mil formas e arranjos: refugia-se na pracinha *fake* e corredores dos shopping-centers, estabelece-se nas galerias do centro, esquenta nos salões de dança da periferia e ferve nos clubs dos Jardins, vibra na Avenida Paulista em dia comemoração de título, ocupa o Minhocão, homenageia guias e orixás em certas esquinas, renova-se semanalmente nas feiras livres de cada bairro e anualmente nas feiras de arte e festas dos santos padroeiros, mantém-se, enfim, nos múltiplos espaços convencionais de lazer, de convivência, de culto, de encontro - constituindo pedaços, consolidando manchas, inventando circuitos.

### **As cadeiras, de volta.**

Pode-se concluir, portanto, que as transformações na cultura urbana das grandes metrópoles contemporâneas não se dão necessariamente numa só direção, seja no sentido da deterioração dos laços de convivência - em virtude de um inevitável caos urbano - seja na substituição desses laços por contatos e relações virtuais na dimensão "hiperreal" construída por signos e imagens. Diferentemente do que às vezes se imagina e teme, até mesmo na esteira de determinadas análises, a "boa" experiência urbana, simbolizada pela rua, subsiste.

Não, porém, como sobrevivência de antigos costumes pinçados aqui e ali na qualidade de reminiscências de um tempo irremediavelmente passado: as experiências urbanas típicas das grandes cidades são o resultado justamente da própria escala dessas metrópoles.

Por certo sua complexidade impõe o conhecimento e manejo de determinados códigos que permitem o uso e aproveitamento dos recursos que oferece. Assim como o homem do campo detém um conjunto de conhecimentos, informações e habilidades perceptivas que o capacitam a orientar-se e interpretar o meio onde vive, a socialização (formal e

informal) do cidadão dota-o de uma "competência" específica; tal é a "cultura urbana", em sentido estrito (e restrito)<sup>21</sup>.

Na realidade, só o plural é que daria a essa expressão seu verdadeiro alcance. Não, entretanto, no sentido de "sub-culturas", próprias de ghettos. A diversidade cultural, antes que uma soma ou agregado de usos e costumes, é um processo contínuo de trocas, trocas intensas proporcionadas pela existência de inúmeros padrões culturais que resultam continuamente em novos arranjos, combinatórias e experimentos.

Circunstâncias e fatores diversos como o legado de fluxos migratórios, presença de grupos étnicos, influência de tradições religiosas, atuação de economias de escala, diferentes níveis de acesso à escolaridade, à informação, ao consumo - variáveis em graus de determinação e temporalidade - fornecem os elementos que interagem nessa imensa circularidade proporcionada pelas dimensões da grande cidade.

Se, de um lado, o processo de homogeneização que decorre do próprio funcionamento das grandes estruturas (reforçada pelo decantado processo da globalização) impõe padrões massificadores, de outro - na ponta de cá, no contexto da vida diária, das dinâmicas locais - reinventa-se e repõe-se continuamente a diversificação.

E é no contexto dos pequenos grupos que melhor se nota tal dinâmica, mormente nessa cada vez mais importante esfera da vida contemporânea, o tempo livre - preenchido com cuidados com o corpo, cultivo da mente, redescoberta da dimensão do espírito, desfrute de bens culturais sofisticados. Com isso não se está referindo ao fácil e chamativo recurso de identificar aqui e ali exóticas "tribos urbanas"<sup>22</sup>, tão ao gosto da mídia - punks agressivos, drag queens espalhafatosas - elegendo-as como emblemas da pós-modernidade.

Esses e muitos outros grupos, que sem dúvida fazem parte do cenário contemporâneo, parecerão menos exóticos quando considerados não de forma isolada, mas em contextos adequados. Há casos, porém, em que o pertencimento a grupos faz-se de maneira menos episódica: as atitudes, os padrões de consumo, os gostos, crenças e vínculos de sociabilidade revelam a presença de um "estilo de vida" claramente diferenciado,

---

<sup>21</sup> Sem evidentemente querer fazer nenhuma apologia de uma suposta "cultura da pobreza", no sentido de Oscar Lewis (1987), nem minimizar a violência da situação, cabe reconhecer que até mesmo os mais desamparados desenvolvem estratégias para o uso dos recursos que a cidade possui. Entrevistas com moradores de rua mostram que essas pessoas, ao conhecer e manipular as regras de funcionamento e horários de restaurantes, lanchonetes, instituições de caridade e assistência dispõem de uma extensa rede que lhes garante a alimentação básica. E o dinheiro da esmola? "Para o cigarro e a cervejinha", assegurou um entrevistado. Alojado provisoriamente em albergue, um dos "trecheiros" (designação dada aos desabrigados) declarou à reportagem da Folha: "Na rua, a gente ganha muita roupa e comida dos crentes e espíritas. Gosto de me vestir bem. São Paulo é uma terra querida, que aceita a gente. A sociedade nos despreza, mas a cidade não." (Folha de São Paulo, 24/06/1996).

<sup>22</sup> Para uma análise crítica dessa noção, ver MAGNANI, 1992 (b).

compartilhado e ancorado em espaços precisos da paisagem urbana<sup>23</sup>.

O trânsito entre o local e o global, entre o pequeno grupo e as grandes estruturas de comunicação, mostra que a metrópole abriga, paradoxalmente, o padrão aldeia (a lógica da comunidade, do pedaço, do contato próximo) e o da cidade (ênfase no anonimato, na multidão, na mistura). A grande cidade acolhe a "comunidade" mas impele a sair para a "sociedade": não se trata de escolher entre uma e outra, pois a característica da cultura e sociabilidade próprias da metrópole é a articulação e passagem constantes entre ambas.

É neste contexto que a cena das cadeiras na calçada pode continuar sendo a imagem da boa experiência urbana. Em vez de mera evocação saudosista de um tempo que só subsiste na memória, pode ser a expressão da vontade de manter práticas, laços e redes que garantem uma importante dimensão da sociabilidade ao lado, claro está, de outras alternativas de contatos e relações que resultam da própria escala da metrópole. Devidamente articuladas, essas duas dimensões permitem otimizar o uso da cidade em todas as suas possibilidades contribuindo, ao lado de outras condições, para a tão desejada melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Heloísa Buarque de. "Cinema em São Paulo: hábitos e representações do público (anos 40/50 e 90)". Dissertação de mestrado, São Paulo, Departamento de Antropologia, FFLCH/USP - 1995.
- Arantes, Otilia. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo, Edusp, 1995.
- Augé, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Ed. Papirus, 1994
- Berman, M. - Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- Castells, Manuel. A Questão Urbana. Rio, Paz e Terra, 1983.
- Caiuby, Sylvia. "As casas na organização social do espaço bororo" in Caiuby, Sylvia, (org). Habitações Indígenas. São Paulo, Nobel/ Edusp, 1983.
- Campelo, Glaucio. "Patrimônio e cidade, cidade e patrimônio". Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. CIDADE - SPHAN/ Minc, nº 23, 1994.
- Da Matta, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis. Rio, Zahar, 1979
- Da Matta, Roberto. A casa e a rua. Rio, Guanabara-Koogan, 1991
- Featherstone, Mike. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo, Studio Nobel, 1995
- Frúgoli, Heitor. "Os Shopping Centers de São Paulo e as novas formas de sociabilidade no contexto urbano". Dissertação de mestrado, São Paulo, Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, 1990.
- Geertz, Clifford. A interpretação das culturas. Rio, Zahar, 1978
- Giddens, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo, Editora Unesp, 1991.

---

<sup>23</sup> É o caso de grupos que cultivam uma forma de religiosidade genericamente denominada de "esotérica". Ainda nesse terreno, pode-se citar a significativa junção entre lazer e vivência religiosa em grupos de jovens neo-evangélicos e de carismáticos na Igreja Católica.

Habermas, Juergen. "Arquitetura moderna e pós-moderna". *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº 18, setembro de 1987.

Jacobs, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York, Vintage Books Edition, 1992.

Lewis, Oscar. *Antropología de la Pobreza*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1987.

Magnani, J.G. Cantor. *Festa no Pedacço: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984

Magnani, J.G. Cantor - "Da periferia ao centro: pedaços & trajetos." *Revista de Antropologia*, nº 35, 1992 (a), São Paulo.

Magnani, J.G. Cantor. "Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?" - in *Cadernos de Campo*. Departamento de Antropologia, USP, ano 2, nº 2, 1992 (b), São Paulo.

Magnani, J.G. Cantor e Torres, Lilian (org.). *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp, 1996.

Peirano, Marisa. *A favor da etnografia*. Rio, Relume-Dumará, 1995

Tönnies, Ferdinand. *Community and Society*. New York, Harper and Row, 1963

Torres, Lilian de Lucca. "Para não ver cara nem coração: um estudo sobre o serviço telefônico Disqueamizade". *Cadernos de Campo*, São Paulo, Departamento de Antropologia/USP, Ano III, nº 3, 1993.

Sennet, R. - *O Declínio do Homem Público*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988

Folha de São Paulo. 16/06/96; 24/06/96

Newsweek International. *Urban Bliss: Why Megacities Like São Paulo Aren't So Bad*. New York, vol. CXXVII, nº 24, June 10, 1996.

*Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. CIDADE - SPHAN/ Minc, nº 23, 1994.